



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 11, número 3, set.-dez. 2022

GRAU DE ABERTURA E LEVANTAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO DIALETO PAUFERRENSE



DEGREE OF OPENING AND RISING OF PRETONIC MIDDLE VOWELS IN *PAUFERRENSE* DIALECT

Vitor VILAR

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

José Cezinaldo Rocha BESSA

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES

RECEBIDO EM 24/05/2022 • APROVADO EM 25/01/2023

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v11i3.273>

Resumo

As vogais médias pretônicas caracterizam vários dialetos brasileiros, constituindo-se um terreno de ampla manifestação da variação linguística. Sendo assim, analisar tais vogais no dialeto nordestino, especificamente da cidade de Pau dos Ferros, tornou-se um importante passo na documentação alofônica dessas vogais em comunidades de fala do português brasileiro. Estudiosos como Nascentes (1953), Camara Junior (1970, 1977, 2015), Aragão (2015), Oliveira e Cardoso (2009) e Marroquim (1934) figuram como sustentação teórica da presente investigação. Nesse sentido, com base em um *corpus* de 8 (oito) entrevistados, divididos em duas faixas etárias, cujos dados foram gravados e transcritos, a análise descritiva realizada permitiu constatar que, conquanto as vogais tônicas e as consoantes

subsequentes influenciem consideravelmente no grau das vogais médias em contexto pretônico, predominam, no dialeto paufferrense, as variações das vogais médias abertas, seguidas de um crescente uso das vogais altas como forma alofônica destas.

Abstract

The pretonic mid vowels characterize many Brazilian dialects, constituting an area of wide manifestation of linguistic variation. Thus, analyzing such vowels in the northeastern dialect, specifically in the city of Pau dos Ferros, has become an important step in the allophonic documentation of these vowels in Brazilian Portuguese speaking communities. Scholars such as Nascentes (1953), Camara Junior (1970, 1977, 2015), Aragão (2015), Oliveira and Cardoso (2009) and Marroquim (1934) provide a theoretical basis for the present investigation. Therefore, based on a corpus of 8 (eight) interviewees, divided into two age groups, whose data were recorded and transcribed, the descriptive analysis carried out showed that, although stressed vowels and subsequent consonants considerably influence the degree of middle vowels in a pretonic context, variations of open mid vowels predominate in the paufferrense dialect, followed by an increasing use of high vowels as a form of allophonic expression of these ones.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Dialectologia. Dialeto paufferrense. Vogais médias pretônicas.

Keywords: Dialectology. *Paufferrense* dialect. Pretonic mid vowels.

Texto integral

Introdução

Registrar as variedades da nossa língua é essencial ao conhecimento de alunos, professores e/ou pesquisadores, porque representa estudar tendências e realizações que a fala de determinado povo num tempo e espaço quaisquer carrega. Partindo desse entendimento, este trabalho busca investigar o grau de abertura, fechamento e levantamento das vogais médias em contexto pretônico, fonemas que, segundo Nascentes (1953) e Camara Júnior (1977), possuem grande variedade no português brasileiro.

Assumindo o pressuposto de que as vogais em contexto tônico e as consoantes subsequentes influenciam o grau e o alteamento das vogais em questão, esta investigação se debruçará mais especificamente sobre o que se compreende como vogais anteriores: baixa /É/ *elétrico*, alta /ê/ *defesa* e alteamento /i/ [*mi'ninu*]; posteriores: baixa /Ó/ *borboleta*, alta /ô/ *polícia* e alteamento /u/ [*pu'lisa*]. Como contexto de pesquisa, escolhemos a cidade de Pau dos Ferros, localizada no interior do estado do Rio Grande do Norte, a qual tem uma distância de 389 quilômetros da capital, Natal, e possui um fluxo constante de pessoas, já que é polo socioeconômico da região.

Acreditamos que, no contexto investigado, encontram-se dialetos de várias localidades, o que pode nos ajudar a sistematizar a fala das pessoas residentes nessa geografia, constituindo uma contribuição dessa investigação. Além disso, este estudo se insere no contexto de importantes contribuições da área, revelando,

inclusive, uma plena sintonia com os estudos da Dialectologia, com aqueles do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)¹.

Além de dialogar com a perspectiva de trabalhos da ALiB, essa empreitada investigativa apoia-se, fundamentalmente, em contribuições de estudiosos dos campos da Fonética e da Dialectologia. No que concerne aos estudos fonéticos, usaremos Gaya (1966), com seu estudo clássico da fonética do espanhol; Mattoso (1977, 2015), que nos lança as bases para o estudo fonético ou fonêmico da língua portuguesa no Brasil; Silva (2019), com seu recente trabalho sobre a fonética e fonologia do português; Aragão (2015), que nos expõe a variedade das vogais médias nas capitais nordestinas segundo os dados do ALiB; Oliveira e Cardoso (2009), com o estudo das vogais médias pretônicas no português de Aracaju (SE) e de Salvador (BA); Marroquim (1934) e seu estudo clássico sobre a língua do nordeste; e Pereira (2007), com seu detalhamento geolinguístico do litoral potiguar e outros estudiosos.

No âmbito da dialectologia, tomaremos com respaldo textos clássicos como o de Neto (1957), que produziu um manual completo para os estudos filológicos; Mota e Cardoso (2000), os quais expuseram os rumos da geografia linguística no Brasil e os dados do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil); e Castilho (2001), que reuniu várias aulas sobre os rumos da dialectologia portuguesa.

O presente trabalho está dividido, além da introdução, de uma seção de fundamentação teórica, na qual destacamos as ancoragens teóricas centrais da pesquisa; de uma seção de metodologia, em que descrevemos os procedimentos e os percursos da pesquisa; de uma seção de análise e discussão dos resultados, na qual apresentamos e discutimos os resultados encontrados; e, por fim, a seção de conclusões, em que sintetizamos os achados e tecemos algumas considerações sobre o estudo realizado.

Fundamentação teórica

Na primeira metade do século XIX, iniciaram-se os primeiros estudos da dialectologia brasileira, tendo como foco primeiro os estudos lexicais, a fim de registrar a variedade linguística do País (MOTTA; CARDOSO, 2000). Surge, dessa maneira, uma forma de investigar os vários dialetos brasileiros sob outro viés, contribuindo, assim, para os estudos científicos da linguagem.

Os dados desse tipo de investigação, uma vez coletados e analisados, são compilados num atlas, que pode ser de uma microrregião (cidades pequenas, aldeias, comunidades etc.) ou de uma macrorregião (regiões metropolitanas, capitais de grande porte, estados etc.), e no qual se encontram

[...] glossários, léxicos, dicionários e vocabulários que vão tratar de assinalar as peculiaridades de áreas, caracterizando-as e distinguindo-as, e, ao mesmo tempo configurando a diversidade

¹ O ALiB tem como objetivo “descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na pesquisa da Geolinguística. (Comitê Nacional do ALiB, 2001, p. vii).

na considerada unidade do português brasileiro. (MOTTA; CARDOSO, 2000, p. 42)

Assim, é imperativo o registro dessas variedades da língua pátria, visto que, na extensão do território brasileiro, há vários dialetos que, por consequência da tecnologia (ou lei da analogia), tendem a uniformizar-se, perdendo as características próprias (COUTINHO, 1974; CAMARA JÚNIOR, 1970).

Os estudos dialetológicos, ocupando-se dessa investigação, selecionam um grupo de pessoas para lhe estudar o falar (variações em menor grau) ou o dialeto (variedade linguística capaz de gerar confusão a outras, ou seja, aquelas diferenças de fala que impossibilitam a comunicação) (CASTILHO, 2001). Aplicando-lhes um questionário – fonético-fonológico, morfológico, sintático e/ou semântico -, é possível colher os registros típicos da linguagem, seguindo a transcrição e a documentação no atlas linguístico. Em um estudo dessa natureza, o questionário, pois,

[...] constitui-se num elenco de perguntas a formular ao informante, objetivando obter materiais linguísticos mais completos e representativos da fala espontânea. Em seu preparo, pressupõe-se o conhecimento da realidade etnográfica da comunidade cuja língua se vai estudar. (CASTILHO, 2001, p. 128)

Seguindo a aplicação do inquérito, transcrevem-se os dados mediante um alfabeto – por exemplo, visando a estudar os aspectos fonético-fonológicos, usa-se o alfabeto fonético para a documentação -, compara-se com os de outras regiões e/ou estudam os fatores que possibilitaram o fenômeno em questão (NETO, 1957).

Como exemplo, as vogais médias em contexto pretônico são, na realidade linguística brasileira, fator de grande inquietação, cuja elucidação se iniciou com Nascentes (1953), que percorreu o Brasil e o dividiu, quanto a estas vogais, em seis subfalares, os quais formam dois grupos – o grupo do sul, onde predominam as vogais fechadas [ê] e [ô]; e o grupo do norte, onde ocorre tipicamente [É] e [Ó].

Considerando que as vogais médias em contexto pretônico consistem num dos traços mais característicos do português do Brasil, tornando-se terreno de amplo estudo (NASCENTES, 1953; SILVA, 2019), propusemo-nos, consoante esse entendimento, a analisar o dialeto paferrense, especificamente as variações de grau e alteamento às quais se sujeitam as vogais médias pretônicas.

Para o estudo, recorreremos a Câmara Júnior (2015), que reduz a cinco fonemas, dos sete em posição tônica, os que estão no contexto analisado – em posição pretônica. São eles:

Altas:	/u/		/i/
Médias ² :	/o/		/e/
Baixa:		/a/	

² Os alofones, o que se levará em conta nesta pesquisa, são as realizações dos fonemas. Tem-se, pois, para as médias anteriores [É] e [ê], e para as posteriores [Ó] e [ô].

Todavia, como nos ocuparemos somente das vogais médias em posição pretônica, as outras, sobretudo as altas, servirão como explicação para aqueles alteamentos que transcendem a alofonia do próprio fonema, ou seja, quando dos fonemas /e/ e /o/ dão, respectivamente, [si'guru] seguro e [bu'nito] de bonito. Tal fenômeno, bastante conhecido no dialeto nordestino, como já bem observou Marroquim (1934) e Pereira (2007), herança também do português do Século XVI (FONTE, 2017), advém de vários fatores linguísticos como a natureza da vogal tônica, que, se for alta, a pretônica tende a acompanhá-la, e as consoantes que cercam essa vogal (FONTE, 2017; ARAGÃO, 2015).

Ademais, vale ressaltar, posto que não seja objetivo desta pesquisa, o aparecimento de outros metaplasmos, como a monotongação, com seu caráter eminentemente assimilatório, a qual transforma um ditongo em uma única vogal [prati'lêra] de prateleira (GAYA, 1966); bem como o lambdacismo, troca da vibrante /r/ pela lateral /l/, [fi'lida] de ferida, fenômeno conhecido no latim leonês e galego-português, (BUENO, 1973); e a metátese, “deslocamento de um fonema, ou mais raramente de dois fonemas, no interior de um mesmo vocábulo [...]” (FARIA, 1957, p. 266), como evidenciado em [parti'lêra], de prateleira.

Como se pode observar, o contexto é o principal definidor do grau de abertura e levantamento das vogais, porquanto à articulação da tônica, que se sobressai ante as outras, as pretônicas tendem a alinhar-se, constituindo um processo de harmonia vocálica. Ainda segundo esse entendimento, predomina a Lei do Menor Esforço, que “se exerce no sentido de tornar mais fácil aos órgãos fonadores a articulação das palavras” (COUTINHO, 1974, p. 137).

Outras tendências podem-se juntar, como, por exemplo, geográficas e culturais (GAYA, 1966), as quais limitam a um espaço geográfico certas leis e conservam-nas em falantes menos letrados. Ou seja, numa comunidade mais isolada, estes fenômenos são vistos e interpretados com facilidade, razão pela qual, como observou Neto (1957), são escolhas realizadas por pessoas com escolaridade baixa ou analfabetas e/ou residentes em zonas rurais, uma vez que não se lhes enraizou algumas características do registro culto, pelo menos diretamente, conservando características consideradas puras de seu dialeto.

Não obstante, graças ao contato com a escola e por residirem os entrevistados em uma cidade de fluxo constante, torna-se difícil encontrar tais indivíduos em cuja fala se registre cabalmente o dialeto “puro”, sem interferência do registro culto. Sendo assim, não raro representaremos, sobretudo nos entrevistados da faixa etária 1 (explicitada na seção seguinte), um alinhamento maior à norma-padrão, ao passo que os da faixa etária 2 (também explicitada na seção seguinte) são mais conservadores (NETO, 1957) e se afastam da ortoépia convencional.

Desse modo, e para fim de esclarecimento, digamos que a pesquisa tem dois caracteres: um de caráter diatópico, isto é, estuda “falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 3), nosso principal objetivo; e outro, ao abordar níveis linguísticos nos gêneros e em diferentes idades, de caráter diastrático, o qual trabalha “o nível culto, a língua padrão, nível popular, etc.” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 3)

Além disso, reforçemos, esta pesquisa embasa-se numa análise fonética, que cuida justamente do registro alofônico dos fonemas, dos quais, porém, trata a

fonologia ou fonêmica (CÂMARA JÚNIOR, 1977; GAYA, 1966). Assim, não registraremos pares mínimos e oposições, senão a pura realização das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica e seu levantamento.

Metodologia

Considerando-se o objetivo de investigar o grau de abertura, fechamento e levantamento das vogais médias em contexto pretônico, em que o foco é registrar e analisar a influência de fonemas vizinhos, na fala do dialeto nordestino, mais especificamente da cidade de Pau dos Ferros, o estudo caracteriza-se como uma investigação de cunho descritivo e de abordagem qualitativa.

Conforme já sinalizado, os sujeitos da pesquisa foram indivíduos residentes na cidade de Pau dos Ferros (cidade localizada no interior do estádio do Rio Grande do Norte), mais precisamente dos bairros Nações Unidas, Princesinha e Chico Cajá.

Para a coleta dos dados, que foi realizada por meio de entrevista, no período de 20 de março a 01 de abril de 2022, foram estabelecidos alguns critérios, baseados no que propôs Neto (1957)³ ao tratar dos estudos geolinguísticos portugueses, para citar alguns: optar por pessoas de escolaridade mais baixa, assim como ter pouco contato com o mundo tecnológico. Desta maneira, a nossa pesquisa considerou os seguintes critérios: i) duas faixas etárias: a 1ª (de 16 a 30 anos), a 2ª (de 31 a 60 anos); ii) entrevistados que não terminaram de cursar o ensino fundamental e que, por conseguinte, sofreram pouco ou indiretamente as influências da norma-padrão; iii) quatro entrevistados de cada faixa etária, contabilizando 8 (oito) ao todo, de ambos os sexos.

Com vistas a construirmos uma melhor compreensão sobre as características dos sujeitos recortados, apresentamos, a seguir, dois quadros com informações sobre idade, escolaridade, profissão e nível de instrução dos entrevistados, concebidos por faixa-etária:

ID	Idade	Escolaridade	Profissão	Nível de instrução
E01 ⁴	17	Ensino Fundamental	Ajudante de pedreiro	Semiletrado
E02	22	Ensino Médio incompleto	Autônomo	Alfabetizado
E03	28	Ensino Fundamental	Desempregado	Semiletrado
E04	30	Ensino Fundamental	Desempregado	Semiletrado

Quadro 1: Informações sobre os entrevistados de faixa etária de 16 a 30 anos

Fonte: dados da pesquisa dos autores

³ Os critérios adotados pelo autor foram adequados à presente proposta de trabalho.

⁴ Os entrevistados são identificados aqui e ao longo da análise pelo código composto por E01, E02, E03... E08, em que E corresponde a *Entrevistado* e a sequência numérica 01 designa a ordem dos entrevistados no nosso *corpus*.

ID	Idade	Escolaridade	Profissão	Nível de instrução
E05	60	Ensino Médio Incompleto	Aposentado	Semiletrado
E06	52	Ensino Fundamental Incompleto	Agricultor	Semiletrado
E07	68	Ensino Fundamental Incompleto	Aposentado	Analfabeto
E08	70	Ensino Fundamental Incompleto	Aposentado	Semiletrado

Quadro 2: Informações sobre os entrevistados de faixa etária de 31 a 60⁵ anos
Fonte: dados da pesquisa dos autores

O Questionário Fonético-fonológico, do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), foi tomado como referência para recortar as perguntas em que se cotejam as vogais médias em posição pretônica. Nesse sentido, foram retomadas 20 (vinte) perguntas do questionário, que foram adaptadas ao objetivo da pesquisa. Para uma exemplificação das perguntas realizadas, mencionamos: indagava-se o entrevistado nos seguintes termos, “A carne de porco não é magra porque tem...”, de maneira que se respondia [gu’dura], [gur’dura] ou [gôr’dura].

Quanto ao registro dos dados, gravamos as respostas de acordo com os entrevistados de cada faixa etária. Após isso, as transcrições foram iniciadas por meio do alfabeto fonético, conservando a forma tal qual se encontra no áudio, bem como o registro em tabelas, a fim de comparação e depreensão.

Todas as respostas dos 8 entrevistados foram gravadas e transcritas fielmente por meio de um alfabeto fonético. Do alfabeto que utilizamos, baseado no de Silva (2019), cumpre observar, nas anteriores, a média-baixa é registrada como (É) e a média-alta como (ê), a alta (i). Já nas posteriores, assinalamos a média-baixa (Ó) e a média-alta (ô), a alta (u). Outros fonemas ou alofones que poderão aparecer seguirão um padrão de fácil compreensão, pois se parecem com as letras que os representam.

As vogais médias pretônicas no dialeto da cidade de pau dos ferros: uma análise descritiva

Conhecidos os direcionamentos teórico-metodológicos que orientam a presente investigação, passamos, nesta seção, a apresentar os resultados encontrados. Nosso foco consiste em descrever as vogais médias pretônicas no dialeto da cidade de Pau dos Ferros, tomando um *corpus* de fala de indivíduos de duas faixas etárias, conforme explicitado na seção anterior.

⁵ Nesta faixa etária, priorizamos as pessoas de idade mais avançada, uma vez que essas costumam ser mais conservadoras na fala (NETO, 1957).

Os resultados desta pesquisa são sistematizados de acordo com as duas faixas-etárias estabelecidas. Os dados encontrados serão detalhados em quadros, seguindo-se de uma elucidação sobre os fatores que possibilitaram as variações alofônicas. Finalmente, apresentaremos um quadro – que levará em conta todos os dados do *corpus* – indicando as vogais tônicas e consoantes subseqüentes que influem na variação de grau das vogais médias pretônicas.

Faixa etária 1 (de 16 a 30 anos)⁶

Vislumbramos, na análise dessa faixa etária, e com as perguntas colhidas no questionário fonético-fonológico do AliB, uma certa padronização referente às mesmas vogais cotejadas neste artigo, como registrou Pereira (2007), que, a despeito de estudar o dialeto do Litoral Potiguar, nos deu alicerce para o desenvolvimento desta pesquisa na região, o Alto Oeste Potiguar. Ademais, segundo Aragão (2015), que faz um levantamento das pesquisas dialetológicas e uma interpretação minuciosa das pretônicas, esses dados possuem certa tendência nos dialetos de todas as capitais do Nordeste, corroborando o que registrou Marroquim (1938) no tocante aos estados de Alagoas e Pernambuco.

De início, documentamos aquelas vogais que se harmonizam com a vogal tônica⁷; existe, ademais, responsável pelos processos, a influência das consoantes subseqüentes, isto é, as labiais e velares são as que mais favorecem o alteamento, seguidas das alveolares; já nas segundas, as labiais, alveolares e palatais intervêm no processo, uma vez que as consoantes favorecem a caixa articulatória e a vogal se harmoniza com elas (ARAGÃO, 2015). Vejamos, então, algumas das ocorrências constatadas:

Elétrico ~ [é'létriku]
Gordura ~ [gur'dura]
Defesa ~ [dê'fêza] ⁸
Coroa ~ [kô'rôa]
Ferida ~ [fí'rida]
Perdida ~ [pir'dida]
Esquerdo ~ [êskêrdu]

Quadro 3: Harmonização entre vogais, faixa etária 1

Fonte: dados da pesquisa dos autores

Em *elétrico*, *gordura*, *ferida*, *perdida*, ocorre o que já registrou Oliveira e Cardoso (2009): as vogais altas em posição tônica favorecem o alteamento das pretônicas, uma vez que se preparam os órgãos articulatórios para a pronúncia da vogal mais forte.

⁶ Nesta, encontram-se os entrevistados *E01*, *E02*, *E03* e *E04*.

⁷ “A harmonia ou harmonização vocálica consiste na substituição da vogal média /e, o/ pela vogal alta /i, u/ respectivamente, quando a média precede uma sílaba com vogal alta, a exemplo de pepino ~ pipino, coruja ~ curuja, bonito ~ bunito.” (BISOL, 2015, p. 188)

⁸ Pouco influencia a dental no alçamento da vogal, razão pela qual se conservaram as vogais na mesma altura (OLIVEIRA e CARDOSO, 2009).

A seguir, descortinaremos aqueles processos que transcendem a altura própria das vogais médias. Nestes casos, como afirmamos acima, as consoantes têm papel fundamental. A ocorrência, porém, não é nova na língua. Fonte (2017) nos elucida que esse fenômeno se encontra nos primórdios do português, precisamente em textos do século XIII, XV e XVI. Será registrado, por conseguinte, o uso dos falantes por esse levantamento das vogais, o qual raramente não será visto, somente na fala das pessoas mais cultas.

Prateleira ~ [prati'lêra] ou [pratê'lêra] ⁹
Tesoura ~ [ti'zôra]
Travesseiro ~ [travi'sêru]
Colher ~ [ku'l,É] e [kôl,É]
Cebola ~ [si'bôla] ou [sêbôla]
Botar ~ [bu'tá] ¹⁰
Bonito ~ [bu'nitu]
Ovelha ~ [u'vêa] ou [uvêl,a]
Seguro ~ [si'guru]
Escola ~ [is'kôla]
Inocente ~ [inu'senti]
Ouvido ~ [u'vidu]
Joelho ~ [ju'êi]
Ferida ~ [fi'rida]
Desmaio ~ [diz'maiu]
Assobio ~ [asu'biu]
Perdida ~ [pir'dida]
Esquerdo ~ [is'kêrdu]

Quadro 4: Elevação da vogal pretônica em relação à tônica, faixa etária 1

Fonte: dados da pesquisa dos autores

Com base nesses dados, notamos que, não raro, as vogais médias pretônicas transcendem a altura da tônica, caso que pode ser explicado pelas consoantes seguintes, já que favorecem o contexto articulatorio, resultando no levantamento de tais vogais – palatais [uvêl,a], alveolares [is'kôla] e bilabiais [si'bôla] para as vogais anteriores; e nasal [bu'nitu] e alveolares [bu'tá] para as vogais posteriores.

Por fim, listaremos alguns casos em que observamos a variação no grau de abertura e levantamento das vogais pretônicas. Alguns entrevistados (E01, E03) fizeram o uso dessas formas, chegando até a registrar três variações, como em *colher*. Vejamos.

Prateleira ~ [prati'lêra] e [pratêlêra]
Tesoura ~ [ti'zôra] e [tê'zôra]
Travesseiro ~ [travi'sêru] e [974rave'sêru]
Colher ~ [ku'l,É], [kÓ'l,É] e [kô'l,É]

⁹ Notemos aqui a monotongação na sílaba tônica, de *pratel[ey]ra* deu-se *pratel[ê]ra*.

¹⁰ O apagamento da líquida é fenômeno conhecido no dialeto nordestino (MARROQUIM, 1938).

Cebola ~ [si'bôla] e [sêbola]

Quadro 5: Variação do grau de abertura/levantamento das vogais pretônicas, faixa etária 1

Fonte: dados da pesquisa dos autores

Os casos de variação apresentados são analisados do ponto de vista alofônico e sociolinguístico, uma vez que um dos entrevistados possui ensino fundamental incompleto. Assim, vemos que em *prateleira* ora a vogal se alteia /i/, ora se conserva na altura da vogal tônica /ê/, constituindo um processo de harmonia vocálica; o mesmo ocorre em *tesoura*, *travesseiro* e *cebola*. Não obstante, em *colher*, nota-se uma variação maior por conta da vogal média baixa em posição tônica, a qual favorece o aparecimento das três possibilidades /u/, /Ó/ e /ô/.

Faixa etária 2 (acima de 30 anos)

Os resultados encontrados apontam que, nessa faixa etária, as vogais que se harmonizam com a tônica se aproximam das constatadas na faixa etária 1, não ocorrendo tanta diferença alofônica, isto é, as variações se aproximam bastante do outro grupo considerado. Vejamos a seguir:

Elétrico ~ [É'lÉtriku]
Gordura ~ [gu'dura]
Defesa ~ [dê'fêza]
Coroa ~ [kô'rôa]
Ferida ~ [fi'lida]
Perdida ~ [pir'dida]

Quadro 6: Harmonização entre vogais, faixa etária 2

Fonte: dados da pesquisa dos autores

Como se pode vislumbrar, poucos dados diferem, somente com *esquerdo* [is'kêrdu], em que acontece o levantamento da anterior. Note-se, todavia, que se suprimiu a líquida em coda silábica em *gordura* [gu'dura] e houve um processo de lambdacismo em *ferida* [fi'lida], transformação da vibrante /r/ em lateral /l/ (SILVA, 2019).

Já quando a vogal média em contexto pretônico transcende a altura da vogal tônica, é influenciada por algumas consoantes, conforme também já visto na faixa etária 1.

Prateleira ~ [parti'lêra]
Tesoura ~ [ti'zôra]
Travesseiro ~ [travi'sêru]
Colher ~ [ku'l,É] e [ku'lÉ]
Cebola ~ [si'bôla]
Botar ~ [bu'tá]
Bonito ~ [bu'nitu]
Ovelha ~ [u'vêa]
Seguro ~ [si'guru]

Escola ~ [is'kóla]
Inocente ~ [inu'senti]
Ouvido ~ [u'vidu]
Joelho ~ [ju'êi]
Ferida ~ [fi'lida]
Desmaio ~ [diz'maiu]
Assobio ~ [asu'biu]
Perdida ~ [pir'dida]
Esquerdo ~ [is'kêrdu]

Quadro 7: Elevação da vogal pretônica em relação à tônica, faixa etária 2

Fonte: dados da pesquisa dos autores

Como podemos perceber, alguns desses casos diferem dos da faixa etária 1, porquanto, se as pessoas de idade mais avançada são conservadoras, linguisticamente falando, nenhuma variação ocorreu além destas registradas nesta pesquisa. Em *prateleira*, *colher* e *cebola*, a faixa etária 1 registrou duas ocorrências para cada (ver quadro 5). Essa faixa etária, porém, não o fez, preferindo os quatro entrevistados somente as formas registradas. Um metaplasmo referente à posição [parti'lêra], a metátese que consiste na transposição da líquida [r], ocorreu com um entrevistado (E06), ao passo que os outros falaram [prati'lêra], tal qual se constatou na faixa etária 1.

Em relação à faixa-etária 2, é interessante considerar ainda casos sobre o grau de abertura das vogais pretônicas, observados nos registros dos entrevistados E05, E06, E07 e E08:

Prateleira ~ [prati'lêra], [parti'lêra]
Tesoura ~ [ti'zôra] e [tê'zôra]
Travesseiro ~ [travi'sêru] e [976rave'sêru]
Colher ~ [ku'l,É] e [kulÉ]
Cebola ~ [si'bôla] e [sêbôla]
Inocente ~ [inu'senti] e [inÓ'senti]
Ferida ~ [fi'rida] e [fi'lida]

Quadro 8: Variação do grau de abertura/levantamento das vogais pretônicas, faixa etária 2.

Fonte: dados da pesquisa dos autores

Esses dados apontam uma pronúncia típica dos dialetos nordestinos (MARROQUIM, 1934), porque as consoantes de articulação mais complexa, as quais requerem um esforço maior do aparelho articulatório, são substituídas por outras mais simples, com traços parecidos (SILVA, 2019); no entanto, não influenciam o grau de abertura das vogais em cotejo. Por exemplo, em *prateleira*, em que houve transposição de um fonema consonantal, em *colher*, que apresentou duas variações de pronúncia, numa das quais se registrou a lateral [l] em vez da palatal molhada [l,]; e em *ferida*, em que ocorreu o lambdacismo, as vogais médias pretônicas não mudaram sua característica, conservando-se na mesma altura. Concluimos, por conseguinte, que as vogais tônicas e as consoantes subseqüentes têm papel decisivo nas vogais médias pretônicas.

Uma vez analisadas as duas faixas etárias e aludindo a Oliveira e Cardoso (2009), em cuja pesquisa se constatou as mesmas relações de vogais e consoantes, propomos o seguinte quadro com as vogais em posição tônica e as consoantes subseqüentes que mais têm influência nas vogais médias pretônicas:

Vogais anteriores			Vogais posteriores		
É	ê	i	Ó	ô	U
Vogais tônicas: [a], [É] e [ã]	Vogais tônicas: [ê], [i] e [ô]	Vogais tônicas: [ê], [i], [ó], [u], [õ]	Vogais tônicas: [a], [É], [i], e [Ó]	Vogais tônicas: [ê], [ô], [u] (e nasal)	Vogais tônicas: [É], [ê] e [i] (e nasal)
Consoante: velares, labiodentais e alveolares	Consoante: bilabiais, labiodentais e palatais	Consoantes: palatais, alveolares e bilabiais	Consoantes: Velares e alveolares	Consoantes: Bilabiais e labiodentais	Consoantes: Bilabiais e Labiodentais

Quadro 9: Quadro das vogais médias pretônicas

Fonte: elaborado pelos autores

Na maioria dos casos, a vogal tônica, sendo da mesma altura, influencia a abertura ou fechamento. Já a vogal baixa [a] propicia a abertura das vogais /e/ e /o/. No fechamento, a tônica [ê] tem papel importante nas alofonias [ê] e [ô], em posição pretônica, bem como no levantamento de /e/ para [i]. Por outro lado, no levantamento das posteriores, a média aberta [É] é a que mais influencia a arredondada [u], seguindo das outras alofonias de posição anterior.¹¹

Conclusão

As vogais médias pretônicas são características de vários dialetos, pois constituem um terreno de ampla variação linguística. Sendo assim, analisar tais vogais no dialeto nordestino, especificamente da cidade de Pau dos Ferros, representa uma importante contribuição na documentação alofônica dessas vogais do contexto pesquisado.

Com base nos resultados construídos e consoante dados de pesquisas de Oliveira e Cardoso (2009), Nascentes (1953) e Marroquim (1934), afirmamos que predominam as vogais médias pretônicas abertas, embora haja um crescente registro de levantamento dessas vogais [i], para as anteriores, e [u], para as posteriores.

Uma pesquisa com um número maior de entrevistados, levando em conta a metodologia clássica de Neto (1953) e do próprio Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), poderá de fato contribuir de maneira mais ampla ao estudo do vocalismo nordestino. No entanto, acreditamos que nosso estudo constitui passo importante ao registro do dialeto paufferrense, de modo a contribuir outros estudos dessa natureza, com foco em comunidades interioranas do Nordeste, e, de repente, para um futuro atlas linguístico do Alto Oeste Potiguar.

¹¹ Os fonemas são registrados em barras /e/, e suas alofonias, em colchetes [É], [ê], conforme propôs Silva (2019).

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. As vogais pretônicas nos falares nordestinos: dados do ALiB. In: *IX Congresso Internacional da ABRALIN*, 2015. *Anais.*. Belém - PA: UFPA, 2015, p. 242-256.
- BISOL, Leda. A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica. *D.E.L.T.A.*, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 185-205, 2015.
- BUENO, Francisco da Silveira. *A formação histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Edições Fortaleza, 1973.
- CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 47. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Princípios de linguística geral*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Rumos da dialetologia portuguesa. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 18/19, p. 115-153, 2001.
- CUNHA, Celso.; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. ed. reimpr., Rio de Janeiro: Lexikon, 2017
- COUTINHO, Ismael Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1974.
- FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica.
- FONTE, Juliana Simões. O vocalismo átono na história da língua portuguesa. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 61, n. 1, p. 169-199, 2017.
- GAYA, Samuel. Gili. *Elementos de fonética general*. 5. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1966.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do nordeste: Alagoas e Pernambuco*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.
- MOTA, Jacira Andrade.; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialetologia brasileira: o atlas linguístico do Brasil. *Rev. ANPOLL*, Bahia, v. 1, n. 8, p. 41-57, 2000.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- NETO, Serafim da Silva. *Manual de filologia portuguesa*. 2. ed., Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

OLIVEIRA, Dijeane de Almeida Lima de; CARDOSO, Suzana Alice. As vogais médias no português do Brasil. In: Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores, 2009, Londrina,. *Anais*: UEL. 2009. p. 22-30.

PEREIRA, Maria das Neves. *Atlas geolinguístico do litoral potiguar*. 2007, 282 f. (Tese de Doutorado em Língua Portuguesa apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro). UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português*. 11.ed., São Paulo: Contexto, 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Comitê Nacional do Projeto ALiB (Brasil). *Atlas linguístico do Brasil: questionário 2001*. Londrina 2001. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/questionario_alib.pdf. Acesso em 02 maio. 2022.

Para citar este artigo

VILAR, Vitor; BESSA, José Cezinaldo Rocha. Grau de abertura e levantamento das vogais médias pretônicas no dialeto paufferrense. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 3, p. 966-979, set.-dez. 2022.

Os Autores

Vitor Vilar é aluno do curso de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, bem como bolsista de iniciação científica na pesquisa "Formas e funções de referência ao discurso de outrem na introdução de artigos científicos produzidos por pesquisadores iniciantes". Membro do Grupo de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar (GITED). Desenvolve pesquisas na área de Gramática - Fonética e Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Estilística e Semântica - bem como no ramo da Dialectologia. E-mail: vtorvilarcarvalho@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3584-7853>

José Cezinaldo Rocha Bessa possui graduação em Letras/Língua Portuguesa e respectivas literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2005), mestrado em Estudos da Linguagem, na área de concentração em Linguística Aplicada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2007), e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Araraquara, com período de estágio de doutorado no exterior na Université de Paris VIII (bolsa PDSE/CAPES). Atualmente é Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, no Campus de Pau dos Ferros, onde atua nos cursos de graduação em Letras e na pós-graduação. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE/UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN (PPGL). E-mail: cezinaldobessa@uern.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4655-6832>